

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

TOMO XLV

**Anatomia artística na
Mesopotâmia II
Assíria**

J. A. ESPERANÇA PINA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2018

Anatomia artística na Mesopotâmia II

Assíria

J. A. ESPERANÇA PINA¹

ASSÍRIA (1500 E 612 A.C.)

O norte da Mesopotâmia era formado por um amplo território limitado a este, pelos montes Zagros e pelo lago Urmia, a norte pelo lago Van e as montanhas e mesetas do Kurdistão, e a oeste pelo rio Kabur afluente do Eufrates. Mais tarde, como consequência da importância política alcançada pela cidade de Assur, aquele território passou a chamar-se Assíria, “terra de Assur”. A Assíria transformou-se no grande Império Assírio, cujos limites territoriais se foram ampliando.

PALEOASSÍRIA (IMPÉRIO ASSÍRIO ANTIGO) (1900-1780 A.C.)

A Paleoassíria, o Império Assírio Antigo, iniciou-se após os mais antigos dirigentes assírios, governarem um povo que se encontrava na Alta Mesopotâmia, vivendo em tendas, num urbanismo difuso, controlando as rotas comerciais em ligação com a Anatólia. O papel comercial que desempenharam na configuração política da Assíria e na disparidade funcional dos seus principais centros, Assur como sede da actividade comercial, e Ninive, como centro da actividade agrícola.

Depois de diversos reis, Puzur-Assur I aproveitou a queda de Ur para criar as bases da Paleoassíria, o Império Assírio Antigo, tendo Erishum I consolidado o poder. Criou centros comerciais, como o famoso “karum” de Kanesh, com o objectivo de exportar tecidos e estanho, em troca de prata e ouro, para se poderem desenvolver os sistemas de crédito e de taxas.

Shamshi-Adad I, um rei amorreu, foi o fundador da Paleoassíria, o Império Assírio Antigo, aumentando o território assírio e organizou-o administrativamente. Sucedeu no trono o seu filho, Ishme-Dagan I, que passou a submeter-se à Babilónia de Hammurabi, deixando de controlar o território recebido de seu pai. Mais tarde, Adasi iniciou um período difícil de governação devido a ameaças de povos montanheses vizinhos, sobretudo dos hurritas de Mitanni, acabando com a independência da Assíria durante quatro séculos.

No centro comercial “karum” de Kanish encontraram-se vestígios de edifícios, onde habitavam mercadores assírios, que faziam o comércio de escravos, camelos e outras mercadorias.

Nesta tabuinha com um texto assírio referente ao centro comercial “karum” de Kanish (1900 a.C.), pertencente ao Museu do Louvre, em Paris, transcreve um contracto comercial.

¹ Membro Efectivo da Academia das Ciências de Lisboa. Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Ciências Médicas da U.N.L. Professor Catedrático da Faculdade de Direito de Lisboa da U.C.P. Ex-Reitor da Universidade Nova de Lisboa.

MESOASSÍRIA (IMPÉRIO ASSÍRIO MÉDIO) (1365-1077 A.C)

A Mesoassíria iniciou-se com Assur-Uballit I, em 1365 a.C., e teve a duração de 288 anos.

Assur-uballit I libertou-se da opressão hurrita e até conquistou uma parte do Estado de Mitanni. Com Tukulti-Ninurta I a Assíria conheceu os dias de maior esplendor, estabelecendo o poder até ao sul da Mesopotâmia, derrotando uma coligação de quarenta reis. Tiglat-Pileser II realizou guerras ferozes, em nome do deus Assur, que terminavam com a deportação dos povos vencidos, sujeitos a grandes suplícios. Com os seus exércitos atingiu o mar Negro a norte, o Mediterrâneo a oeste e Babilónia a sul. Após a sua morte, sucederam-se períodos históricos muito complexos, com alternância política.

A arte na Mesoassíria não é representativa, pelos poucos exemplares existentes, mas também pela sua dependência aos hurritas e sírios.

O pedestal de Tukulti-ninurta I encontram-se no Museu de Pergamo, em Berlim (1244-1208 a.C.), representa o rei nas suas obrigações rituais.

O rosto feminino (1300 a.C.), um cozimento de ingredientes com que se fabrica vidro, procedente de Tell el-Rimah, pertence ao Museu do Iraque, em Bagdad. As decorações imitam jóias, os olhos são enormes, as pupilas incrustadas e as tranças caem sobre os ombros.

NEOASSÍRIA (IMPÉRIO ASSÍRIO NOVO) (934-612 A.C)

A Neoassíria, o Império Assírio Novo, caracterizou-se pelas vitórias militares, com base na forte personalidade dos seus soberanos e o espírito belicoso dos exércitos. Sargão II e seus descendentes revelaram o génio da guerra, unido a uma indomável energia e impiedosa crueldade característica dos guerreiros assírios. Jamais povo algum exerceu de forma tão implacável o direito de vitória. Os prisioneiros eram torturados, os olhos vazados, as deportações em massa, e as pilhagens eram feitas sistematicamente. A força dos exércitos residia numa infantaria de camponeses sóbrios e vigorosos, bravos por natureza e acostumados a uma disciplina férrea. Havia ainda os carros de guerra e mais tarde a cavalaria. A engenharia militar teve também papel importante nas vitórias assírias.

A Assíria depois de reinados críticos com pouca relevância histórica, voltou a recuperar o seu prestígio com Neoassíria, o Império Assírio Novo, com Assur-Dan II, o primeiro rei e com Adad-Dan II. Seria o poderoso Assurnasipal II que transformou novamente a Assíria com grande poder e riqueza, obtidas em virtude das campanhas militares, sobretudo contra cidades fenícias e estados amorreus, tendo estabelecido a capital do reino em Kalah (Nimrud).

Salmansar III travou diversas batalhas tendo sofrido algumas derrotas e com os reis seguintes debilitaram o Império.

Foi com Tiglat-Pileser III que Assíria voltou a atingir o prestígio perdido. Salmanasar V governou também em Babilónia, sendo destronado num golpe de estado por seu irmão Sargão II.

Sargão II marca o início do apogeu do Império Assírio e que durou mais de um século, sendo conhecido por época sargónida, uma época de esplendor, motivada pelo poderoso exército assírio, com uma forte cavalaria e a grande personalidade dos seus reis.

Senaquerib, filho de Sargão II, teve de enfrentar a nobreza e o clero, pelo que transferiu a capital para Ninive, que converteu num grande centro artístico, tendo destruído Babilónia e atacado o Egipto, mas

sem sucesso. Foi assassinado por alguns dos seus filhos, iniciando-se uma guerra civil vencida pelo filho Assarhaddon.

Assarhaddon, com grande energia reprimiu diversas revoltas ameaçadoras do Império. Atacou o Egito e tomou Mênfis. Restaurou Babilónia e outras cidades mesopotâmicas, além de realizar diversas edificações na Assíria.

Assurbanipal, filho de Assarhaddon, reinou cerca de 40 anos e foi o último dos grandes reis assírios. Seus exércitos conquistaram o Egito, alcançaram Tebas que foi saqueada. Em Babilónia uma revolta é reprimida a ferro e fogo, Elan é devastada e Susa arrasada.

Em 700 a.C. a Neoassíria iniciou a decadência, com numerosas guerras civis e com os povos submetidos a vassalagem começarem a sublevar-se.

Finalmente, Nabopolassar príncipe de Babilónia e Ciaxares, rei dos Medos, atacam Ninive e o poderoso Império Assírio Novo sucumbe definitivamente, em 612 a.C.

A arte assíria encontra-se apenas representada na Neoassíria ou Império Assírio Novo. A arte diferenciou-se da restante arte mesopotâmica, pela influência dos vários povos que habitaram o seu território, entre os quais, hurritas, hititas, arameus e fenícios. Tal variedade de povos influenciou, logicamente, a concepção artística da Assíria, criando assim uma arte com personalidade igrate, mas, ao mesmo tempo, pessoal e inconfundível.

A estátua de Assurnasirpal II (883-859 a.C.), em alabastro, procedente de Ninrud, existe no Museu Britânico, em Londres. O rei apresenta-se com um vestimento ajustado ao corpo, segurando na mão esquerda uma arma curvilínea, típica dos deuses. O estatismo e os lábios unidos transmitem a sua impassibilidade.

Os feitos militares de Sargão II foram encontrados numa pedra gravada, procedente do Palácio de Khorsabad, existente no Museu do Iraque, em Bagdad, sendo de salientar: a destruição do reino de Israel com a tomada de Samaria e o cativo de milhares de habitantes, a vitória sobre uma coligação do Egito e príncipes sírios, a submissão de grande parte da Mesopotâmia e a ocupação da ilha de Chipre. Todos os territórios conquistados proporcionaram-lhe fabulosas riquezas, com as quais construiu a cidade de Dur-Sharrukin (Khorsabad), onde edificou os maiores palácios da Assíria.

O obelisco negro de Salmanasar III (858-824 a.C.) encontra-se no Museu Britânico, em Londres, tendo sido encontrado nas ruínas do palácio de Kalakh (Nimrud).

O obelisco perfeitamente conservado é negro pela cor do alabastro com cerca de 3 metros de altura. Apresenta em cada um dos quatro lados, cinco rectângulos com relevos, no total de vinte, representado cenas de vassalagem de diversos reis e a entrega de pesados tributos (barras de metal, marfim, madeira, objectos manufacturados, animais domésticos ou selvagens, entre outros).

A leitura dos cinco rectângulos deve ser feita horizontalmente de cima para baixo, sendo cinco sequências, acompanhadas de um texto explicativo que as identifica perfeitamente. A parte superior do obelisco negro, em forma de torre escalonada, está coberta com as campanhas dos primeiros 31 anos do rei. Esta magnífica obra de arte talhada num baixo-relevo muito liso, encontrava-se provavelmente na sala de audiências do palácio de Kalakh (Nimrud), servindo de propaganda e auto-elogio do rei.

O obelisco negro de Salmanasar III relata episódios de vassalagem e entrega de tributos pelos povos vencidos. Cada personagem apresenta a sua própria psicologia. Aparentemente, os figurantes são todos iguais, mas observando com atenção, cada um tem a sua própria natureza, forma e expressão.

A submissão do príncipe Sua de Gilzana.
 A entrega de produtos e armas de Gilzana.
 Os cavalos como tributos de Gilzana.
 A entrega de camelos de Gilzana.
 A submissão do israelita Jehú.
 O tributo em ouro, prata e outros produtos de Israel.
 A entrega de manufacturas israelitas.
 O tributo de jarros, cálices metálicos e armas de Israel.
 A entrega de camelos do país de Musri.
 Um macaco e um cinocéfalo como tributos de Musri.
 Um búfalo, um unicórnio e um antílope como tributos de Musri.
 Elefante e macacos, tributos de Musri.
 Tributo de animais selvagens do país de Sukhu.
 Armas, marfim e objectos metálicos de Sukhu.
 O tributo de roupagens e de tecidos em linho de Sukhu.
 Armas, marfins e outros produtos de Sukhu.
 O tributo de vasilhas e armas de Sukhu.
 Cobre, estanho e madeira como tributo de Khattin.
 Marfim, prata e ouro do país Khattin.
 A entrega de minerais metálicos de Khattin.

A escultura na Neoassíria com boa qualidade encontra-se apenas na estátua da deusa Ishtar, e nas estátuas de Assurnarsipal II, de Salmansar III e de Sargão II, o grande.

A estátua da deusa Ishtar (1100 a.C.), proveniente de Assur, encontra-se no Museu Britânico, em Londres. É a primeira estátua conhecida do período Neoassírio. Está decapitada, nua, com correctas proporções anatómicas, no corpo, pernas e braços. Ishtar, a Vénus de Babilónia, transforma-se na Assíria a deusa da guerra, mas não se apresenta com armadura e com uma arma.

Assurnasirpal II (900 a.C.), proveniente do palácio de Kalakh (Nimrud), pertence ao Museu Britânico, em Londres. O rei em corpo inteiro parece surpreendido, levando na mão esquerda um bastão curvilíneo.

Salamansar III em pé com uma tiara (900 a.C.), proveniente de Assur, encontra-se no Museu Arqueológico, em Istambul, parece esperar impassível, o veredicto do deus.

Os touros alados pertencem ao Museu Britânico, em Londres, flanqueavam as entradas do palácio de Assurnasirpal, em Kalakh (Nimrud). Os touros têm cabeça humana barbada, com dois ou três pares de cornos, corpo e cinco patas de touro e grandes asas de águia. O touro simbolizava a força e as grandes asas de águia, pendentes, indicavam a possibilidade destes monstros poderem voar. O corpo de touro apresenta-se revestido de escamas. A cabeça com os olhos em êxtase, com fâcies humana, mas com uma expressão animal. Estes monstros, incorruptos, magníficos são guardas que protegem o seu rei.

Geralmente, os touros alados assírios estão aos pares, um de cada lado da porta, olhando para a frente, a observar o que se passa. Pode encontrar-se um terceiro touro, situado na parede da fachada, com a cabeça voltada para observar quem chega.

O touro androcefalo alado, do palácio de Dur-Sharrukin (Korsabad), encontra-se no Museu do Louvre, em Paris, tem cinco patas, sendo três anteriores, para não dar o efeito de um monstro defeituoso ou mutilado, quando é observado de lado.

A arquitectura é constituída por cidades monumentais, com templos e palácios com as fachadas e as salas cobertas de baixos-relevos. A cidade de Kalakh (Nimrud) com o palácio de Kalakh do rei Assurnasirpal II. A cidade de Dur-Sharrukin (Korsabad), com o palácio de Dur-Sharrukin do rei Sargão II. A cidade de Ninive, com o palácio de Senequerib do rei Senequerib e o palácio de Asurbanipal do rei Asurbanipal.

O período de maior esplendor artístico da Neoassíria ou Império Assírio Novo está centrado nos reinados de Assurnasirpal II, Sargão II, o grande, Senaquerib e Assurbanipal.

Os neoassírios empregaram o tijolo como os sumérios, mas revestiam as passagens das entradas e a parte inferior das paredes das salas principais com grandes placas de pedra, onde esculpam baixos-relevos. Devem ter sido inspirados pelos hititas, sendo destinados a impressionar os visitantes, como imagem do poder e majestade reais.

O palácio de Kalakh em Nimrud foi construído por Assurnasirpal II, onde estabeleceu a sua residência. Situava-se na parte central do Tigre, a sul de Assur, sendo o primeiro palácio permanente, visto que até aqui as residências reais duravam os anos de vida do seu construtor, passando depois da morte, a serem abandonadas pelo novo rei, sendo utilizadas como oficinas, armazéns ou prisões.

O palácio de Kalakh em Nimrud tinha um núcleo central destinado à corte, apresentando um pátio interior, salão do trono, e sala de recepções; uma zona destinada aos aposentos do rei e altos signatários; e uma zona extensa para a administração e chancelaria.

Os baixos-relevos do palácio de Kalakh em Nimrud, existentes no Museu Britânico, em Londres, representam a glorificação de Assurnasirpal II, em ofertórios aos deuses, campanhas militares e caçadas. As paredes das salas e corredores estavam revestidas com baixos-relevos, mostrando ofertórios feitos aos deuses.

Um eunuco faz o ofertório de um amuleto.

Assurnasirpal II alado com um ramo na mão direita e uma arma na mão esquerda.

Assurnasirpal II assiste descalço, com devoção a uma cerimónia religiosa, vestindo uma sumptuosa túnica.

Assurnasirpal II, vestido com manto real com turbante e um par de asas postiças, fazendo parte da indumentária dos sacrifícios, apresentando um cabrito e uma espiga.

Assurnasirpal II está representado com o seu vizir, em pé, com uma taça de líquido sacramental na mão direita, levantada num ofertório aos deuses, enquanto o acólito sustenta uma arma.

Assurnasirpal II, com turbante na cabeça e apoiado num arco, está orando. Atrás um sacerdote, com as asas litúrgicas aspergindo o rei com líquido sagrado. O sacerdote leva na cabeça a tiara de duplos cornos.

Assurnasirpal II no seu carro de guerra com os cavalos galopando, mostra o movimento com as patas dianteiras levantadas.

Assurnasirpal II no seu carro de guerra chefiando soldados de infantaria, com os cavalos a passo mostrando as quatro patas tocando o chão.

Assurnasirpal II protegido por um escudeiro lança flechas. Atrás, o vizir e um eunuco escoltam o arqueiro real. Aparecem torres da cidade cercada e uma máquina de guerra que golpeia as muralhas da cidade cercada.

O Vizir transporta prisioneiros com alta categoria para serem levados à presença de Assurnasirpal II. Cenas de navegação fluvial com os peixes representados por transparência, enquanto os soldados arrastam troncos de madeira para construções.

Assurnasirpal II atacado por um touro, enquanto outro já caído é pisado pelos cavalos do carro real.

O palácio de Dur-Sharrukin em Korsabad foi construído por Sargão II, o grande, a 30Km a norte de Mossul.

O palácio de Dur-Sharrukin em Korsabad de Sargão II, estendia-se numa superfície de 10 hectares, estava situado numa elevação e organizava-se em volta de três pátios com grandes proporções. Rodeando os dois pátios maiores encontravam-se as dependências privadas da família real, as câmaras de recepção, os grandes salões, o salão do trono; no terceiro pátio encontrava-se o núcleo da parte religiosa, com as capelas do palácio e o grande “igurate”.

Sargão II (800 a.C.), existente no Museu Egípcio, em Turim, mostra uma capacidade expressiva conservando uma herática rigidez e um tocado tronco-cónico próprio das cerimónias religiosas.

Os baixos-relevos do palácio de Dur-Sharrukin, em Korsabad (800 a.C.) pertencentes ao Museu do Louvre, em Paris, são os relevos anatómicos, com melhor proporção e naturalidade, na vida privada do rei, cenas militares, e o cavalo utilizado nos carros de guerra.

Sargão II transporta um cabrito-montês.

Sargão II caça falcões com arco.

O desfile militar da guarda real de Sargão II permite manter o mesmo ritmo de movimentos em todos os militares.

Numa fila, seis soldados uniformizados, três descalços e três calçados, marcham, cantam e batem palmas. Os soldados calçados devem ser arameos ou hititas, porque em vez do corte de cabelo raso, têm uma trança dobrada. Sargão II manteve os hábitos das povoações locais.

Os cavalos eram tributos entregues a Sargão II. Utilizavam-se com fins militares, atrelando-os em carros de duas rodas, sendo estes carros de combate, com arceiro, cocheiro e escudeiro. Foi com estes carros de guerra que Assíria conseguiu a superioridade militar.

Os cavalos brancos eram animais consagrados a Ishtar, a deusa da guerra, e em ofertórios colocados aos pés do deus Assur. Os cavalos apresentam-se com aspecto tranquilo, parecendo confiar inteiramente na protecção do seu amo, sendo de salientar os músculos e as veias superficiais.

O palácio de Senaquerib em Kuyunjiko (Ninive) foi construído por Senaquerib, filho de Sargão II, sendo o terceiro grande conjunto arquitectónico do mundo assírio, com uma muralha de 15 portas.

Assurbanipal II, uns anos mais tarde ampliou a cidade e embelezou-a ainda mais, observando-se uma parte da muralha da cidade de Ninive.

Ninive rodeada por muralhas era uma cidade, com dependências militares, templos, parques e jardins. Nesta cidadela encontrava-se o palácio de Senaquerib e o palácio de Assurbanipal, revestidos por espectaculares baixos-relevos, ambos com extensas áreas ajardinadas, e os templos de Ishtar e de Nabu.

Os baixos-relevos do palácio de Senaquerib em Kuyunjiko (Ninive) mostram em pormenor as campanhas militares de Senaquerib, na Babilónia e na Palestina, realçando pormenores como a flora e a fauna.

O baixo-relevo representa o acampamento de Senequerib, diante de uma cidade sitiada, e no interior da tenda real, vê-se um criado fazendo a cama do rei, e este dando ordens a um escudeiro armado, encontra-se no Museu de Pergamo, em Berlim.

O baixo-relevo representando os assírios perseguindo os fugitivos até alcançarem um lago, observam-se palmeiras e peixes, com cadáveres de homens e cavalos a flutuarem no pântano e por terra corpos chacinados, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris.

O baixo-relevo representa guerreiros a escalar muralhas, encontra-se no Museu do Louvre, em Paris.

O baixo-relevo representa mulheres e crianças palestianas prisioneiros, caminhando para o desterro escoltados por militares, encontra-se no Museu Britânico, em Londres.

O palácio de Asurbanipal em Ninive foi construído pelo rei Asurbanipal.

Os baixos-relevos existentes no Museu Britânico, em Londres, provenientes de palácio de Asurbanipal, em Ninive, mostram em pormenor as lutas na guerra contra o Elan, bem como as caçadas aos leões, um dos pontos mais altos da arte universal.

O combate entre os Assírios e o Elan.

Os combates realizado nos pântanos.

Os prisioneiros executados, massacrados e mulheres e crianças, caminhando para o exílio.

Assurbanipal II a cavalo luta com um leão.

Assurbanipal II caçando no seu carro, apontando uma flecha a um leão que investe, enquanto os cavalos e o carro passam sobre outro leão.

O leão ferido com quatro flechas.

A leoa ferida com três flechas. A imobilização resultou de lesões que atingiram a medula espinhal. O animal ainda tem força para manter estendidas as patas anteriores, enquanto as patas posteriores já estão paralisadas.

A leoa com uma hemoptise resultante de uma flecha que lhe perfurou os pulmões.

Os leões não aparecem facilmente em campo aberto, pelo que eram apanhados e enjaulados, durante dias ou meses, para depois serem libertadas e depois caçados.

A leoa domesticada dorme à sombra de uma palmeira, com os membros estendidos, mostrando o animal em repouso, contrastando com os leões perseguidos e feridos nas caçadas.

Os servidores conduzem um leão morto a Asurbanipal II.

Asurbanipal II derramando sobre um leão, um líquido sagrado em honra de uma divindade.

Os bronzes do reinado de Salmanasar confirmam a perícia dos artesãos.

Nos relevos das portas de Balawat, existentes no Museu Britânico, em Londres, a arte neoassíria consegue a sua máxima eficácia para relatar episódios da política, e da guerra. As cenas das batalhas apresentam movimentos em que as personagens não são figuras independentes, mas transmitem a fúria do combate.

O exército de Salmanasar III marcha com dificuldade num terreno montanhoso.

Os carros de guerra assírios transportavam o condutor, que conduzia o carro, e o arceiro disparando sem a protecção de um escudeiro. Era uma operação perigosa pois estavam expostos a serem atingidos pelas flechas do inimigo.

No campo de batalha podem observar-se cargas ferozes, demonstrando aos inimigos da Assíria indefesos, um exército organizado com boas armas ofensivas e defensivas. Os inimigos caídos são atropelados, alguns tentam empurrar os cavalos, outros atiram-se ao chão para escaparem às flechas atiradas pelos arceiros.

O rei de Hama da Síria, ancião ou doente, deitado na cama dirige a defesa da cidade, no alto da muralha.

Os arceiros assírios atiram flechas, marcham aos pares e preparam-se para escalar as muralhas da cidade. Os prisioneiros empalados apresentam os corpos já rígidos, ou amputados de braços e das pernas, não oferece qualquer resistência.

Os assírios não eram cruéis por prazer, mas para deixarem uma recordação do seu castigo. As cenas de submissão, em que o rei inimigo rendido está acompanhado pelos seus ministros.

O rei rendido humilha-se deitando-se no chão, até beijar a terra pisada por Salmanasar III, esperando a decisão do rei, para o matar, esfolar ou cegar.

Mulheres prisioneiras caminham para o desterro num país distante.

Soldados regressando a Assíria após uma guerra realizada num país distante.

Parte das vítimas são oferecidas num altar, enquanto outra parte é lançada ao lago Van, com a finalidade de acalmar a fúria dos deuses.

Salmansar III em terra recebe os tributos dos fenícios, transportados em barcas carregadas de lingotes.

Assírios armados transportam troncos de árvores para construções reais.

As pinturas murais, provenientes do palácio provincial de Til Barsib, foram encontradas nas ruínas de Tell Ahmar, construção com pouco significado. Estes frescos perderam-se e sabemos deles pelos seus descobridores (Thureau e Dunand), sendo feitas cópias por Cavro e a sua publicação por André Sumer, no volume sobre “Assur”, da coleção “Univers dès Formes”, As pinturas pertencem a 800 a.C. apresentando um cromatismo baseado de forma exclusiva em negros, brancos, vermelhos e azuis e representavam cenas do reinado de Tiglath-Pileser.

O rei Tiglath-Pileser dá uma audiência e recebe a homenagem de uma população submetida, estando o monarca sentado no trono, com um bastão que simboliza a autoridade real.

Os assírios depois de regressarem das campanhas militares realizavam brutais execuções, sem piedade, na presença das mulheres e das crianças. Observa-se um inimigo, seguro pelos cabelos a ser decapitado com um golpe de sabre.

Um soldado levando um cavalo à trela.

A pintura mural de Til Barsib (Tell Ahmar) (800 a.C.), existente no Museu de Alepo, mostra dois servidores do rei, vistos de perfil, permitindo diferenciar a diferença entre a pintura assíria e a egípcia.

O marfim foi utilizado para talhar uma infinidade de pequenos objectos para decorar refinados móveis e variados utensílios. A arte de trabalhar o marfim foi realizada pelos fenícios e sírios, sendo depois saqueados pelos exércitos assírios. As estatuetas em marfim são procedentes do palácio de Assurnasirpal em Kalakh (Nimrud) (800 a.C.).

O leão degolando um etíope encontra-se no Museu Britânico, em Londres, sendo um marfim incrustado a ouro, lápis-lazúli e cornalina. O carácter dramático da cena está atenuado por um fundo de lótus e de papiros.

Um caçador pertence ao Museu do Iraque, em Bagdad monstrando realismo e tranquilidade, com os músculos da mímica em relaxamento, esperando o aparecimento da presa.

A magnífica cabeça feminina, conhecida por “Mona Lisa”, encontra-se no Museu do Iraque, em Bagdad, em alto-relevo, com um sorriso enigmático, comparável ao da Gioconda, valeu a esta obra o apelido de Mona Lisa, decerto bem diferente da obra-prima de Leonardo da Vinci.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE CIÊNCIAS
NA SESSÃO DE 6 DE JANEIRO DE 2011)